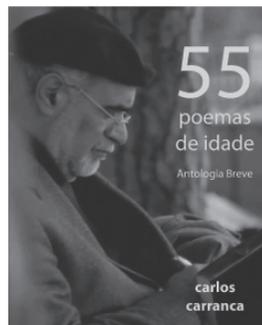


55 Poemas de Idade. Antologia Breve

CARLOS CARRANCA

Figueira da Foz: Talencilicious, 2013, 75 p.



Conhecido em todo o país, e em particular em terras do Mondego e em Cascais, onde vive actualmente, poeta, «voz de excepção das Baladas e do Fado de Coimbra», ensaísta, professor universitário e animador cultural de reconhecido mérito, Carlos Carranca, digníssimo filho desta terra onde hoje nos encontramos, foi presidente da direcção da Sociedade de Língua Portuguesa, membro da direcção do Círculo Cultural Miguel Torga, sócio-fundador da Sociedade Africanóloga de Língua Portuguesa, co-fundador do Centro de Iniciação Teatral e director-adjunto do jornal *Artes e Letras*.

É docente da Universidade Lusófona, da Escola Superior de Educação Almeida Garrett e da Escola Profissional de Teatro de Cascais. Desempenha ainda as funções de director do Centro de Estudos da Lusofonia Agostinho da Silva, afecto à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Autor de numerosos livros de poesia, que vem publicando desde 1981, e organizador de várias antologias poéticas de autores portugueses, Carlos Carranca é, mais do que um conhecido especialista da obra de Miguel Torga, um torguiano convicto. Além de ensaios vários sobre a vida e obra do autor de «Maria Lionça», Carlos Carranca publicou muito recentemente a monografia *Casticismo em Unamuno e Torga* (2012), que constituiu a sua dissertação de doutoramento.

A colectânea que nos trouxe hoje a este espaço cultural de referência da Figueira da Foz intitula-se, sintomaticamente, *55 Poemas de Idade*. Trata-se

Texto de apresentação da obra, no Casino da Figueira da Foz, a 13 de Setembro de 2013.

de um conjunto de 55 poemas – um poema por cada ano da vida de Carlos Carranca –, a maioria dos quais (à excepção de 3 inéditos) foi extraída de outras colectâneas do autor, designadamente *Imagem* (1992), *Sereneta Nuclear* (1994), *Homo Viator* (1997), *Ressurreição* (1992), *7 Poemas para Carlos Paredes* (1994), *Pedras Suspensas* (1996), *Lousã em Menino* (1998), *Íntima Idade* (2001), *Coimbra à Guitarra* (2003), *Frátria* (2003) e *Com o Cachimbo de Meu Pai* (2011).

Muito embora os poemas agora dados à estampa nesta espécie de testamento poético de meia idade não sejam apresentados pela ordem cronológica da respectiva publicação – pois, como alerta o próprio poeta na abertura da colectânea, apoiando-se num aforismo de Teixeira de Pascoaes, «seguir a ordem cronológica é deixar na desordem quase sempre a obra de um poeta» –, distinguem-se claramente alguns núcleos temáticos.

Um desses núcleos temáticos está relacionado com o conceito de poesia e com o processo de criação poética. Para o sempre inconformado e inquieto sujeito poético, poesia é indissociável do pulsar da vida. A palavra e, por extensão a poesia, é uma forma de fruir a própria vida, uma forma de busca, de procura incessante de uma essência boa e pura que está para além da realidade palpável, uma realidade a que a vida e a morte se abrem, mas que só na poesia e através dela se vai desvendando. A poesia é assim, para o eu lírico que ressuma destes poemas, mais exacta do que as chamadas ciências exactas, é «pão da alma», é espaço de liberdade sem muros, espartilhos ou constrangimentos de qualquer índole. É ela que confere uma dimensão mais verdadeira ao tempo – o tempo, esse grande escultor, como diria Yourcenar – e ao inquietante sentimento de finitude a ele associado. Uma finitude todavia no sentido ricoeuriano, que se abre à «conciliação», à afirmação de um significado tão positivo e quanto problemático para a existência, da qual não se pode nunca desistir. O poema que a seguir se transcreve ilustra bem esta ideia:

Poesia I

Tento escrever
Um poema,
Só para me entreter.

Mas ele não vem...

Não tem sentido
um verso que seja
só para o escrever.

Tento...
mas, não!
Um verso não é isso
de ornamentar espaços de lazer.

Poesia é pão da alma,
é a consagrada
hora proibida.

E sempre que escrevo um verso,
Escrevo a vida.

II

Olho,
e o meu olhar
é o da ave perdida
pelo tempo.

Asas nascem-me
dos olhos
(miradouro íntimo).
Olho-me,
hora abençoada.

Do ponto mais alto
(condição adivinhada),
afundo-me
num salto
onde apenas o grito,
o meu grito,
rasga o momento,
o nada.

A poesia é também nesta colectânea absolutamente indissociável da música. Dos textos poéticos em apreço sobreleva, na verdade, uma musicalidade muito especial, uma melodia enxuta e intimista, que advém das rimas discretas, das aliteraões elegantes e do ritmo suave. À extraordinária sensibilidade de poética de Carlos Carranca não serão decerto alheios os seus excepcionais dotes de declamador e de intérprete da canção de Coimbra, dotes esses também abrilhantados com aquela voz profunda, quente e sensual que todos lhe

conhecemos. Para Carlos Carranca a poesia é música, a poesia fala através da música, e a música é poesia, é feita de poesia. Veja-se a forma harmoniosa como, por exemplo, no poema «Lousã em menino», se entrelaçam uma poesia madura, intimista, com versos de canções populares que assomam à memória do poeta quando revisita os lugares da memória de uma infância feliz.

Não será igualmente por acaso que Carlos Carranca seleccionou para esta colectânea um conjunto de poemas dedicado à guitarra: «Guitarra de Coimbra», «Guitarra Universal», «Guitarra Lusitana». A guitarra é para o sujeito poético o seu «bordão de peregrino», é «corpo de mulher imaginada», «mulher encordoada», que dá prazer dedilhar. A «voz misteriosa» da guitarra é «povo», é «Senhora de Portugal», «tange por dentro do sonho», toca «por dentro dos muros / as palavras esquecidas do passado». Enfim, à semelhança da palavra, a guitarra de Carlos Carranca fala uma linguagem universal, que todos, de uma forma ou de outra, entendem e sentem. O som da guitarra reclama um passado que se projecta num presente, ambos perpassados de ternura, justiça, amor e paz. A relação do sujeito poético com o seu instrumento musical de eleição ressuma do poema

«Guitarra Lusitana»

Guitarra meu amor de raiz;
minha mulher encordoada...
Procuro o meu país
no teu corpo de mulher imaginada.

Contigo subo na fragrância
de teus enlevos
de corça. Frágil elegância
de tuas ancas nos meus dedos.

Guitarra meu país por dedilhar!
Percorro-te nas cordas da loucura;
Nas ânsias frágeis da dor.

Sinto-te nos dedos. Vamos namorar...
Estreito-te pela cintura.
Guitarra lusitana meu amor!

Neste contexto de elogio ao som da guitarra, merecem ainda referência, no âmbito de um núcleo de poemas que se prende com as referências musicais

do autor em apreço, as composições poéticas «Artur Paredes» e «Carlos Paredes», dedicados a Artur e Carlos Paredes, pai e filho – compositores e geniais intérpretes da guitarra portuguesa, ambos detentores de «mãos fecundas / e sagradas» –, «Zeca Afonso», o cantor e compositor que sonhou um Portugal ainda por cumprir, e «Goes», detentor de uma voz de «terra e de tragédia», «a voz de outras vozes». Carlos Carranca dedica igualmente poemas a Fernando Lopes Graça, esse «irmão reencontrado», ao lado de quem o sujeito poético reza «sem tempo», e a Michel Giacometti, o etnomusicólogo corso que recolheu e divulgou as «vozes que se erguem da terra», «onde tudo é arte». «E onde tudo é arte, / é o pão que se reparte / e a poesia».

Poesia é igualmente, para Carlos Carranca, uma religião profundamente vivenciada, perene, intemporal, que, como ele próprio afirma no prómio, (também este um notável fragmento de prosa poética) «resiste ao dogma das religiões reveladas». O poeta procura e encontra a transcendência na vida, cuja essência tenta apreender e compreender através da palavra impregnada de poesia. Carlos Carranca partilha com Fernando Lopes Graça a mesma visão da arte como religião. Para este compositor e maestro, a música era, além de arte, uma religião, a única religião de uma humanidade livre, justa e sábia (cf. Cascudo, 1996). Como em Unamuno e em Torga, a religiosidade que ressuma desta colectânea de poemas manifesta-se nas mais diversas expressões da natureza e na música, bem como numa certa ansiedade, numa certa angústia, numa certa inquietação perante a maravilha que é a vida e o mistério que encerra a morte, enigmas que, para o sujeito poético, a razão está longe de resolver e, como tal, só tangíveis através da arte, da poesia.

O tema da religião está de facto presente, de forma mais ou menos explícita, em quase todos os poemas que integram esta colectânea. Do «Credo», que Carlos Carranca dedica a Natália Correia, dos poemas «A um Cristo de barro» e «Cristos», entre outros, sobrepõe uma tendência para a desmistificação, para a presentificação e para a humanização das referências cristãs. O sujeito poético parece acreditar, também na senda de Unamuno e de Torga, que a fé em Deus pode substituir-se à fé na nossa própria existência substancial. O eu lírico que ressuma de *55 Poemas de Idade* crê apenas «no Olimpo terreno da beleza», na deusa mãe da Natureza (cf. «Credo»). Manifesta interesse principalmente pelo Cristo homem, pelos cristos pedintes, toscos e mutilados, evidenciando uma preferência muito especial por um Cristo de barro, a quem se confessa e que o faz sorrir, um Cristo que o «olha de frente», «reguila, femeeiro, / capaz de ir às fuças a um sargento. / [...] de olhos arregalado, em jeito de sandokan, / de peito feito ao que venha» («Cristos»).

Nesta colectânea deparamo-nos igualmente com um conjunto de poemas que incidem sobre os espaços, os lugares da memória, a «comunicativa» e «a cultural» (duas vertentes da «memória colectiva», na acepção que lhes é atribuída pelo casal de investigadores alemães Jan e Aleida Assmann, que reformularam o famoso conceito de «memória colectiva», cunhado pelo sociólogo francês da escola durkheimiana Maurice Halbwachs [cf. Assmann, 2007: 67 ss.]). Entre os espaços a que Carlos Carranca confere uma importância especial na sua «memória comunicativa» – a que se prende com a transmissão verbal de experiências pessoais – estão a Lousã, Coimbra, S. João da Madeira, o Douro, o Mar português e o Alentejo. A Lousã da sua infância insere-se no espaço da memória a que se poderia designar por «topografia da felicidade». A Lousã é um espaço euforizante de ternura, de abrigo no seio familiar, de liberdade, sem muros físicos ou sociais, um espaço de comunhão com a natureza, um espaço de melodias sãs que ainda ecoam no ouvido do sujeito poético, um espaço onde «era possível gritar sou feliz» e onde dava «às horas asas de condor» (vd. o poema «Lousã em menino», que, sintomaticamente, é o mais longo de toda a colectânea). Por outro lado, a S. João da Madeira, terra dos irmãos operários, um espaço com conotações claramente disfóricas, o sujeito poético associa «pontes sem água», «montes sem estrelas» e «flores sem colo» (vd. o poema «S. João da Madeira»). Já Coimbra e os campos da sua terra, «campos tristes», «cerzidos de laranjais», são espaços de luz, símbolo universal da divindade, que se opõem ao caos originário da escuridão, das trevas. Coimbra, também «cidade triste agasalhada entre choupais», é fado, serenatas, guitarras, terra de amores e de poetas. Coimbra é um espaço «ilimitado de poesia», de «noites clandestinas, com Antero de cabeleira e barba de fogo a incendiar o mundo», que os homens tornaram feio e que só agrada agora ao sujeito poético à luz da lua, «na hora em que se fecham para a Vida as janelas e varandas burguesas» (vd. o poema «Serenata Nuclear»). O Alentejo é também um espaço fraterno, onde «as vozes [se] erguem da terra. / Como braços suplicantes». «E onde tudo é arte, / é o pão que se reparte / e a poesia» («Alentejo»).

Uma referência fundamental da memória comunicativa do poeta, que se inscreve igualmente na «memória colectiva» do seu país, é a revolução do 25 de Abril. Nesse dia de Primavera, «desprende-se o silêncio / e há luz e água e deuses e pássaros e vinho» (atente-se no crescendo de intensidade emotiva gerado pelo polissíndeto), como diz o eu lírico no poema de dedica à Revolução dos Cravos.

Todos estes espaços da memória comunicativa e da memória colectiva configuram um Portugal que Carlos Carranca ama profundamente e que, por isso mesmo, lhe provoca ainda mais sofrimento. A sua pátria (lexema que insiste

em escrever com letra minúscula), apesar de objecto recorrente de manipulações espúrias, não é uma Pátria mítica, uma pátria abstracta: «a minha pátria / é de lume, cinzas e segredos...» (vd. «Portugal»). O eu lírico (e obviamente, por extensão, Carlos Carranca) explica-nos onde fica a sua pátria num poema que, apesar de publicado pela primeira vez em 2008, na colectânea *Frátria*, continua de uma actualidade espantosa:

«Onde fica a minha pátria»

Se me perguntarem onde fica a minha pátria
 eu direi que em tudo que em mim convive:
 nesse menino de bibe que pula nos meus joelhos
 no cachimbo de meu pai fumado por voz ausente
 nas ruas tristes nos gatos que se lamentam de vício
 no candeeiro de esquina lançando sobras de gente
 no cachorro que ali uiva e no mendigo
 bebendo a solidão de água ardente
 no comboio que não passa tragado pelo progresso
 na rua – casa ensombrada varada de sol
 e cimento e desse olhar que em mim mora
 como se fosse um caminho
 mais o recreio da escola mais o corredor do colégio
 o corrimão das escadas que davam para o alpendre
 e a mão sentida na perna assim mesmo feminina
 essa ternura que a vida sabe sentir mais urgente
 que a hora em que se acorda
 para outra vida diferente alcandorada na glória
 de sermos bem sucedidos entre empresários gulosos
 e meretrizes sem dentes e capitães de escritório
 e abortadeiras cristãs de muitas e desvairadas gentes
 que se atropelam de medo e se enfurecem
 de serem eternamente ninguém e todo o mundo
 onde às vezes nasce uma flor que se sente.

Se me perguntarem onde fica a minha pátria
 Eu direi entre esses livros que li e outros frequentaram
 e que por eles se bateram em horas vivas horas raras.
 Fica na voz de um poema salpicado de esperma
 na doçura do silêncio na luz filtrada da tarde
 onde outra luz se revela onde outra luz é mais vida.
 Fica na chinela-varina dessa mulher que a usou
 No ronronar da traineira nas redes que o mar ditou
 p'ra que o futuro nos prenda a uma promessa maior.

A pátria de Carlos Carranca é, na verdade, em tudo muito semelhante à pátria do seu poeta-irmão e amigo Miguel Torga, um «espaço telúrico e moral, cultural e afectivo, onde cada natural se cumpre humana e civicamente. Só nele a sua respiração é plena, o seu instinto sossega, a sua inteligência fulgura, o seu passado tem sentido e o seu presente tem futuro». (Torga, 1976).

Nesta colectânea que é uma espécie de balanço de um ciclo meio século de vida, Carlos Carranca presta também homenagem às suas referências literárias, que, de alguma forma, vagueiam no espaço íntimo das suas composições poéticas. Carranca identifica-se com o incompreendido e insatisfeito Antero (leia-se o poema «A um busto de Antero de Quental»). Na «Carta a Antão», lamenta-se a António Nobre de um Portugal de banqueiros, pederastas e políticos, onde o mar já não é dos pescadores, mas de empresários, de desportistas radicais, de jovens executivos, de doutores, de agentes imobiliários, de bancários, de vendedores, e gerentes. Deste poema ecoa um tom semelhante ao da colectânea *Só*, igualmente perpassada de lamentação e nostalgia. Entre as referências literárias de Carlos Carranca sobrelevam ainda nesta colectânea Teixeira de Pascoaes, a sua «alma gémea dos pássaros e das pedras» (leia-se o poema «Pascoaes»); a poesia fortemente sensual de Natália Correia (veja-se o poema «Credo»); Alexandre O'Neill, aqui homenageado num poema de grande vivacidade que desdramatiza a morte em tom brincalhão, imitando através de jogos de palavras, ritmos, aliteraões, também em jeito de efeito de estranhamento brechtiano, a frescura e a leveza com que a vida deve ser vivida (leiam-se os poemas «A Vida» e «Peregrino»); Urbano Tavares Rodrigues, a quem dedica o «Poema de fim de tarde», uma espécie de canção de embalar serena e resignada; García Lorca, a quem rende homenagem no poema «Romance da Lua Preta», lembrando La Barraca, o famoso grupo de teatro universitário dirigido pelo poeta e dramaturgo espanhol, a cuja missão pedagógica Carlos Carranca de alguma forma se associa, ao debruçar-se sobre a vida dura, telúrica e errante da etnia cigana. Eu diria contudo que as obras dos Miguéis, o Unamuno e o Torga, vagueiam de forma muito especial por entre os 55 poemas que integram esta colectânea. Torga é para Carranca o poeta por excelência, Torga é Portugal:

Torga

De vez em quando
viam-no passar

Era o poeta
que passava na Baixa de Coimbra
com o seu olhar de bruxo
e o seu andar
de andas.

Antigo e natural
era um poeta que passava
e era Portugal.

Como Unamuno, e também obviamente como Torga (que por sua vez manifestou o enorme apreço que nutria pela obra do poeta e filósofo espanhol ao escolher o nome próprio deste como pseudónimo), Carlos Carranca evidencia uma obsidante inquietação em torno da questão da trágica finitude da vida. Na verdade, ao longo dos 55 poemas em apreço, é perscrutável um claro diálogo intertextual com o famoso ensaio *Do Sentimento Trágico da Vida*, em que Unamuno se debruça de forma profunda e apaixonada sobre o sentido da existência humana. O poeta e filósofo espanhol manifesta a angústia do ser humano perante a vida e a morte, dissertando sobre o papel da adopção e prática de uma religião no alívio dessa inquietação. Este é também, como é sabido, um tema obsidante em toda a obra de Torga. Essa inquietação, essa angústia, a que a razão não é capaz de dar respostas, está também muito presente nesta colectânea, em jeito de testamento literário e de vida na meia idade. A religião de Carlos Carranca, essa base de pensamento para uma imortalidade que resulta em conforto e consolação, prende-se com a questão da eternidade ou do prolongamento do ser, sendo igualmente uma forma de sublimar a ansiedade gerada pela consciência da efemeridade da vida e pelo inquietante sentimento de finitude. A religião projecta-se e consubstancia-se na poesia, esse espaço vida e de liberdade, onde as palavras são sementes que crescem entre as pedras, onde o poeta cavalga, naufraga, voa e pranteia.

Destes 55 poemas de idade ressuma um ser humano obviamente detentor de uma sensibilidade muito especial, lúcido, solidário e genuinamente fraterno, que preza e respeita a sua família (vejam-se as reiteradas referências à mãe, ao pai, aos tios, aos avós e ao Afonso) e para quem a memória (em todas as suas vertentes) é fundamental, dado que para ele «não há futuro sem passado».

Permitam-me que termine esta breve e despretensiosa apresentação desta colectânea com um trecho de Miguel Torga, em jeito de achega ao já mencionado inquietante sentimento de finitude que subjaz, de forma mais ou menos explícita, a todos os poemas que integram a antologia em análise. Um torguiano

convicto, como é Carlos Carranca, conhece obviamente muito bem o trecho que Torga registou no seu *Diário*, a 12 de Junho do longínquo ano de 1947, a cerca de dois meses de fazer quarenta e um anos de idade:

Escravizados ao além, os nossos dias aqui não podem ter liberdade nem alegria. Qualquer doutrina que nega ao homem o direito de ser pleno na sua física duração, é uma doutrina de castração e de aniquilamento. Ir buscar ao post-mortem as leis que devem limitar a expansão abusiva da personalidade, é o artifício mais desgraçado que se podia inventar. Pregue-se e exija-se do indivíduo medida e disciplina, mas que nasçam da sua própria harmonia. Institua-se uma ética com raízes no mesmo chão onde o homem caminha. (Torga, 1973: 51).

Caríssimo Carlos Carranca, estimado poeta: continue a ser o guardião do templo e da lonjura esperando do mundo um sinal, como D. Quixote! Continue a cavalgar com asas sem se deixar domar, como Pégaso! Continue a trazer uma centelha revolucionária de fogo e de luz aos mais desprotegidos, como Prometeu. Enfim, continue a escrever poesia fraterna, que é decerto uma das formas mais dignas e lúcidas de o Homem se ir libertando da inexorável lei da morte.

Referências bibliográficas

- ASSMANN, Jan (2006), *Das kulturelle Gedächtnis. Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen*, Beck, München (1.^a ed.: 1992).
- CARRANCA, Carlos (2013), *55 Poemas de Idade. Antologia Breve*, Figueira da Foz, Talencilicious.
- CASCUDO, Teresa (1996), «Introdução», in: *Exposição Fernando Lopes-Graça, anos 30*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais / Museu da Música Portuguesa, URL: <http://mmp.cm-cascais.pt/NR/rdonlyres/2ECF6A6B-6A90-462E-A8D2-CF2B88485E91/10042/Introduo.pdf> (Consultado em Setembro de 2013).
- TORGA, Miguel (1973), *Diário IV*, Coimbra, Edição de Autor (3.^a ed.).
- (11-09-1976), «Pátria», *O Dia*.

Ana Maria Ramalheira*

* Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro. Membro do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro (CLLC).